

InC Lab

Laboratório de Pesquisas do Invisible College

Grupo #03:

Perspectivas do digital em Byung Chul-Han: Patologias do contemporâneo, imagem e o sujeito na era da Mobilidade.

Palavras-chave:

Byung Chul-Han; Cibercultura; Imagem; Sujeito; Mobilidade

Coordenação:

Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás (UFG) com pesquisa em Mobgrafia (fotografia com dispositivos móveis), Mestre em Comunicação Social na linha de pesquisa Mídia e Cultura com pesquisa em Cibercultura e Movimentos Net-ativistas.(2015-2017) também pela UFG. Possui MBA em Marketing e Inteligência Competitiva (2015-2016) pelo Instituto de Pós-Graduação e Graduação (IPOG-GO) e Graduação em Comunicação Social com bacharelado em Publicidade e Propaganda pela UFG (2009-2013). Atuou como professora no Centro Universitário UniAraguaia (Unidade Bueno) nos cursos de Publicidade e Propaganda e Jornalismo (2018 - 2022), na UniCambury como professora de Fotografia (2020-2021) e também foi professora substituta na UFG com locação na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) para os cursos de Publicidade e Propaganda e Relações Públicas (2019 -2020). Tem experiência de mercado em Agência de Publicidade nas áreas de Criação, Redação, Atendimento, Mídia e Social Media. Já atuou na área de Marketing Empresarial, Assessoria de Comunicação e Fotografia. Participante do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Publicidade e Propaganda EAD da Faculdade Araguaia e membro do Núcleo de Pesquisa em Teoria da Imagem (NPTI) vinculado à UFG.

<https://lattes.cnpq.br/0570295442449676>

E-mail para contato: karinedoprado@hotmail.com

Apresentação

A série antológica de ficção científica *Black Mirror* é um sucesso de audiência desde de sua primeira temporada lançada globalmente pela Netflix a partir de 2016. Seus episódios nunca deixam seus espectadores confortáveis, pelo contrário, a série é capaz de nos lançar a mais profunda e irremediável angústia. Isso porque ao longo dos episódios, sinceramente constatamos que a série é muito menos sobre a ameaça tecnológica e muito mais sobre a própria natureza humana. Durante uma entrevista concedida ao Channel 4 em 2014, Charlie Brooker compartilhou a inspiração por trás da escolha do nome *Black Mirror* ou "Espelho Preto"(em tradução livre) para a série. Segundo sua explicação, a denominação refere-se ao momento em que uma tela de dispositivo eletrônico está desligada e reflete o próprio usuário, criando uma imagem semelhante a um espelho escuro:

"O que me chamou atenção foi o instante em que a tela está inerte. Nesse estado, ela se assemelha a um espelho negro. Seja uma TV, um LCD, um iPhone, um iPad, qualquer coisa do tipo... ao simplesmente encará-la, a tela se transforma em um espelho preto. Há algo gélido e arrepiante nessa experiência, e o título pareceu coeso com a essência do programa."¹

Estamos 24 horas em uma conexão permanente² ou como intitulou Crary (2014, p. 10-11) em uma lógica 24/7, ou seja, 24 horas durante os sete dias da semana. Apesar da conexão constante parecer superficialmente uma maior sociabilidade, ela “[...] não revela o custo humano exigido para sustentar sua eficácia [...] Um mundo 24/7 iluminado e sem sombras é a miragem capitalista final da pós-história, de um exorcismo da alteridade, que é o motor de toda mudança histórica”. Estamos frente a este “espelho preto”, 24/7 e o que ele tem refletido? Como a cultura, a comunicação, a sociabilidade, o sujeito, a noção de alteridade e o ser humano nas suas mais diversas dimensões têm sido (de)formado pelos dispositivos móveis? Teixeira Coelho (2015), ao traçar um quadro da cultura

¹ Trechos da entrevista estão disponíveis em: <https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/265991-significa-black-mirror-entenda-o-nome-serie.htm>
Acessado 20 de fevereiro de 2024.

² Para Ciro Marcondes Filho (2012) uma das grandes questões da cibercultura não é como, no futuro próximo, todas as pessoas estarão conectadas, em exato oposto: a dúvida mais pertinente é como se desconectar em uma cultura da hiperconexão. Para o autor, a nova forma de controle exercida se dá através da conexão permanente. “Há uma compulsão de estarmos sempre prestes a agir, o tempo todo acessíveis; devemos estar continuamente “de prontidão”. Heidegger chama isso de *Bestand*, uma forma de nos dispormos a entrar em ação a qualquer momento, de estarmos invariavelmente disponíveis, sempre e totalmente mobilizados. (MARCONDES FILHO, 2012, p.62)

contemporânea e das forças que a tensionam, nos mostra como os *smartphones* são paradigmáticos para entendermos a cultura contemporânea e suas dinâmicas. O autor nos propõe já no início do livro o seguinte exercício: “Como explicar um *smartphone* a um viajante do tempo que chega a nós vindo do passado?”. E por que, necessariamente, o autor escolhe o aparato *smartphone* entre tantos outros *gadgets* tecnológicos presentes da nossa contemporaneidade? Veja sua explicação:

Talvez porque não exista, pelo **acúmulo cultural** que nele existe, outro exemplo mais eloquente da tecnologia definidora deste tempo. O *smartphone* é o segundo cérebro do homem do século 21, um segundo cérebro que esse homem carrega na mão – não mais no bolso ou na sacola, como na pré-história do telefone celular, mas não mão: pode precisar dele, podemos precisar dele quando menos esperamos; é preciso sempre, literalmente, tê-lo à mão, 24 horas por dia, sete dias por semana, algo nunca antes registrado na história da tecnologia humana. (COELHO, T., 2015, p.11, *grifos nossos*)

Portanto, para o autor, o *smartphone* é a concatenação e ápice da tecnologia definidora de nossos tempos contemporâneos. Assim como já foi discutido em Marshall McLuhan³, na atualidade as pessoas andam com um segundo cérebro sempre disponível à mão, mesmo que se pareça faltar uma conexão com o primeiro cérebro que fica sobre os ombros. É impossível para o homem típico atual não precisar carregar esse cérebro portátil sempre ao seu lado, no bolso e a distância de um toque. Ao legarmos nossa memória, agenda, localização, senhas e etc. à esse pequeno assistente pessoal que nos conhece mais que a nós mesmos, fica o questionamento do quanto ele pode transformar nossa vida de modo indelével e radical. A verdade é que o ambiente digital, que nos embriaga sem que possamos avaliar inteiramente as consequências dessa embriaguez, transforma decisivamente nosso comportamento, percepção, sensação e vida em conjunto, além de ser o lugar profícuo para o anonimato e a “aniquilação do rosto”⁴.

³ MCLUHAN, Marshall (1974) em *Os meios de comunicação: como extensões do homem*. McLuhan argumentava que cada meio de comunicação, desde a linguagem escrita até a televisão e a internet, possui características únicas que influenciam nossa percepção e interação com a realidade. Além disso, os meios de comunicação atuam como prolongamentos dos nossos sentidos humanos. Por exemplo, a câmera expande nossa capacidade visual, enquanto o microfone amplifica nossa capacidade auditiva, e assim por diante. Essas extensões sensoriais não apenas influenciam nossa percepção do mundo, mas também reconfiguram nossas interações sociais, dinâmicas de poder e até mesmo nossa identidade pessoal.

⁴ Sobre a aniquilação do rosto Marcondes Filho retoma o conceito de Emmanuel Levinás em seu livro *Fascinação e Miséria da Cibercultura*: “De certa forma, o espírito da técnica tenta matar o rosto no sentido levinasiano. O rosto, aquele que me olha, é em verdade incapturável pela técnica; seu ato de olhar, diz Lévinas, é como “um tiro à queima-roupa” (Levinas, 1995, pg.44–45), que me solicita e me cobra minha responsabilidade. Essa dimensão desaparece na visão do mundo do homem obtida do ponto de vista da técnica. Ai eu apenas aciono teclas, participo de jogos, tenho vivência eletrônicas virtuais, eu preservo e cultuo meu próprio ego e suas satisfações imediatas.” (MARCONDES FILHO, Ciro., 2012, p.40).

Quando Steve Jobs apresentou o Iphone no Macworld Expo em 9 de janeiro de 2007 com sua tela de 3,5 polegadas, alta resolução e câmera de 2.0 megapixel, Jobs disse: "Eu estou ansioso por este momento há dois anos e meio" e que "hoje, a Apple vai reinventar o telefone". E realmente reinventou. Segundo sua biografia escrita por Walter Isaacson (2011), na sua apresentação Jobs falou: "Hoje estamos apresentando três produtos revolucionários dessa categoria. O primeiro é um Ipod de tela larga com controle pelo toque. O segundo é um celular revolucionário. E o terceiro é um aparelho pioneiro de comunicação pela internet." Depois de repetir a lista para enfatizar essas grandes três características daquele produto que estava em suas mãos, Jobs completou: "Estão entendendo? Não são três aparelhos separados, é um aparelho só, e ele se chama Iphone"

A tecnologia multitoque, com um toque extremamente preciso, aliada com o design extremamente intuitivo pensado na experiência do usuário, focado no design e na imagem e um navegador que possibilita a mesma interface da web, elevou o celular com suas funções básicas comunicacionais à um dispositivo computacional hipermediático. A introdução dessa nova tecnologia provocou o que Henry Jenkins chamou de cultura de convergência:

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. (JENKINS, 2009, p. 30)

Portanto, para o autor, a convergência das mídias é mais do que simplesmente uma mudança tecnológica ou uma passagem de um estado para outro. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. Ela altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. A revolução provocada pelos celulares da Apple, concomitantemente com as redes sociais como o Instagram (surgido em meados de 2010), instaurou um novo capítulo na revolução da imagem.

As imagens nascem de dispositivos eletrônicos e por eles são indexados dados de geolocalização, circulam, se sociabilizam e são transformadas. O celular, com sua mobilidade, multifuncionalidade e acesso à internet, se torna o protagonista desta

diversificação em grande escala do espectro social e cultural dos registros imagéticos. É inegável que estamos em um momento inédito de produção, edição e circulação de imagens. Veja o que diz Giselle Beiguelman (2021):

..as imagens deixaram de ser planos emolduráveis. Transformaram-se nos dispositivos mais importantes da contemporaneidade, espaço de reivindicação do direito de projeção do sujeito na tela, subvertendo os modos de fazer (enquadrar, editar, sonorizar, mas também os modos de olhar, de ser visto e supervisionado. O protagonista dessa história é o celular dotado de câmera e com acesso à internet. Foi ele o responsável por converter a câmera de dispositivo de captação em um dispositivo de projeção do sujeito. Projeção pessoal que tem destino certo: as redes sociais e os grupos interpessoais do WhatsApp. E é nessa alquimia que nos tornamos fantasmas de nós mesmos. (BEIGUELMAN, p.33. 2021)

Dessa forma, percebemos como é importante ressaltarmos a imagem como parte do escopo dessa pesquisa, pois como diz Georges Didi-Huberman (2012), é impossível falar de imagem e não falar de imaginação, para ele imagem é imaginação. Para o autor, a imagem não é apenas um corte praticado no mundo dos aspectos visíveis, mas é uma impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar outros tempos. Veja a tese central do autor:

“Não se pode falar do contato entre a imagem e o real sem falar de uma espécie de incêndio. Portanto, não se pode falar de imagens sem falar de cinzas. As imagens tomam parte do que os pobres mortais inventam para registrar seus tremores (de desejo e de temor) e suas próprias consumações. Portanto é absurdo, a partir de um ponto de vista antropológico, opor às imagens e as palavras, os livros de imagens e os livros a seco. Todos juntos formam, para cada um, um tesouro ou uma tumba da memória, seja esse tesouro um simples floco de neve ou essa memória esteja traçada sobre a areia antes que uma onda a dissolva.” (DIDI-HUBERMAN, 2012, p. 210)

Ao tocar o real, as imagens ardem, ou seja, inflamam-se, queimam e nos consomem por meio da inquietação, desejo, dor, destruição, memória, movimento, etc. e deixam cinzas. Tais cinzas são as imagens e cabe a nós descobrirmos em que sentidos diferentes este “arder” se constitui hoje. É papel do pesquisador pensar não só nas imagens, mas como elas chegaram a nós e as condições que impediram a sua destruição. Quais imagens compõem o imaginário contemporâneo? Cada imagem está ancorada na cultura e não deve ser vista de forma dissociada, as imagens são reveladoras dos objetos de desejo pois as imagens nascem da prática social de

representação e simbolização, pois nascem dos corpos que se projetam na imagem e das imagens que se animam nos corpos. (Maria Mauad, 2014).

Da mesma forma como colocado por Beiguelman (2021), Andrew Keen também já havia exposto sua percepção de que o ser humano estava se tornando um espectro de si mesmo. O autor compara nossas ações nas redes sociais com o de Jeremy Bentham que para perpetuar sua memória, mesmo após sua morte, deixou seu corpo e sua bengala favorita para o University College de Londres, com a orientação de que deveriam ser expostos de forma permanente em uma caixa de madeira com porta de vidro que ele intitulou de “autoícone” – um neologismo para “um homem que é sua própria imagem”. Para Keen, assim como Bentham, aquele cadáver na verdade representa eu e você pois :

“Reconheci que a visibilidade pessoal é o novo símbolo de status e poder em nossa era digital. Como um cadáver trancado em sua tumba transparente, agora nós estamos todos em exposição permanente, todos somos apenas imagens de nós mesmos neste admirável mundo novo transparente.” (KEEN, p. 21, 2012).

Além dessa degradação do sujeito, percebemos uma diluição da noção de alteridade. Ao conectar usuários que pensam da mesma forma, bolhas informacionais que se abastecem de notícias personalizadas reforçam ideias preconcebidas, acirrando e retroalimentando a polarização política, permeada pela dilatação do campo afetivo. Em suas perspectivas sobre o digital, Byung-chul Han (2019), cuja obra pretendemos aprofundar durante o grupo de pesquisa, aponta para uma sociedade cujo nome foi perdido, dando lugar a anonimidade. Para Han, nome e respeito estão ligados um ao outro pois o nome [*namentlich*] é a base do reconhecimento, respeito e da confiança mútua. Além de estar ligado diretamente com práticas ligadas a nominalidade [*namentlichkeit*] como a responsabilidade, a confiança e promessa. O ambiente digital tem se mostrado, portanto, um espaço profícuo para essa anonimidade, lugar em que se mata o rosto⁵ a alteridade esvaziada e por meio do anonimato, personas são criadas dando

⁵ Nas palavras de Ciro Marcondes Filho: “De certa forma, o espírito da técnica tenta matar o rosto no sentido levinasiano. O rosto, aquele que me olha, é em verdade incapturável pela técnica; seu ato de olhar, diz Lévinas, é como “um tiro à queima-roupa” (Levinas, 1995, pg.44-45), que me solicita e me cobra minha responsabilidade. Essa dimensão desaparece na visão do mundo do homem obtida do ponto de vista da técnica. Aí eu apenas aciono teclas, participo de jogos, tenho vivência eletrônicas virtuais, eu preservo e cultuo meu próprio ego e suas satisfações imediatas. (MARCONDES FILHO, 2012, p.40). O rosto que me solicita, me chama à responsabilidade é suprimido pela intermediação da tela no âmbito social fazendo com que a potência da alteridade seja esvaziada. Ao evitar o olhar direto, o face-a-face, a presença do outro, o encarar o rosto que é um “tiro à queima roupa” (onde não há tempo para pensar na ação), atrás da trincheira da tela, o outro perde muito do seu potencial. Quem é o outro na cibercultura? Ciro Marcondes

vazão de discursos de ódio a crimes hediondos. Além disso, outra causa para a crise do diálogo, principalmente nas redes sociais, se dá porque as pessoas possuem exatamente uma identificação fraca ou laços fracos com sua comunidade. Veja o que Byung-Chul Han nos diz:

“As ondas de indignação indicam, além disso, uma identificação fraca com a comunidade. Desse modo, elas não formam nenhum *Nós* estável, que apresentasse uma estrutura de zelo pela sociedade como um todo. Também zelo do assim chamado cidadão enraivecido não é [zelo] por toda a sociedade, mas sim em larga medida, um zelo por si mesmo. Por isso, ele se desfaz de novo rapidamente.” (HAN, 2019, p.22)

Ainda hoje são sentidas as consequências de uma sociedade de solidão massificada e de cansaço pela luta performática (Byung-Chul Han, 2018). O que caracteriza as modernas cidades são enxames, agrupamentos de pessoas que não estão mais ligadas entre si, mas que se unem de modo efêmero para fazer um tipo de barulho insone e sem repercussão real de ação pública e prática. Resta perguntar: existe uma visão alternativa a essa história da modernidade? Segundo Roel Kuiper (2019) nosso desprendimento começa na modernidade com o seu pensamento utópico que causa um atrofiamento da responsabilidade moral pelo aqui e agora, por enxergar a realidade social como construção abstrata, como objeto de um agir racional e pela radicalização do homem como sujeito autônomo, o que gera sua incapacidade de conexão, levando a representações de mundo completamente individualizadas. Dessa forma, em consonância com Byung-Chul Han (2018, 2019), Kuiper (2019) demonstra que nossa sociedade tem cada vez mais perdido a capacidade da real conexão pois há cada vez menos nas relações o capital moral necessário para criar laços fortes.

Apesar da vasta extensão e do aprofundamento sobre as patologias do contemporâneo na obra de Roel Kuiper (2019) e sua brilhante resposta ao coração de nossos problemas, o autor apenas tangencia questões que a nós são muito pertinentes para investigação: Como a urgência da cultura da convergência e da mobilidade, estimulada pela era do acesso, acaba por alterar a dinâmica da vida social? Quais imagens tem povoado o imaginário contemporâneo e mais: quais noções sobre o conceito de imagem devemos possuir em um mundo tecnológico e até mesmo

nos pergunta. O outro aparece-nos em formas de frases soltas, palavras vazias, bites, dados. Nesse sentido, o poder da alteridade se precariza.

pós-fotográfico (Fontcuberta, 2016)? Tais perguntas nos guiarão durante nosso grupo de pesquisa.

Objetivo geral da pesquisa

Como a rede e a tecnologia transformam o sujeito e provocam diferentes sociabilidades por meio das imagens?⁶ Desse modo, inscritos nas dinâmicas pesquisadas pela comunicação contemporânea, nosso interesse é pesquisar em como essas condições de sociabilidade geram possibilidades e limites de uma vida contemporânea alinhavada à questão tecnológica, em especial, dos dispositivos móveis.

Objetivos específicos da pesquisa

Os objetivos específicos desse grupo de estudos e pesquisa permeiam em torno do tratamento de algumas questões:

1. Prolegômenos conceituais primordiais: Comunicação, Cibercultura e Imagem.
2. Quais as consequências da mudança da arquitetura informativa advindas primeiramente com o advento da internet e depois com a internet móvel?
3. Quais as patologias (biológicas, psicológicas, sociais e políticas) advindas do uso dos dispositivos móveis? Existe alguma alternativa ética dos usos desses dispositivos?
4. Quais imagens têm povoado o imaginário contemporâneo e mais: quais noções sobre o conceito de imagem devemos possuir em um mundo tecnológico e até mesmo pós-fotográfico?
5. Quais novas experiências estéticas e imagéticas são possibilitadas pelo uso dos dispositivos móveis?

⁶ “Em seu estudo sobre fotografia, *A câmara clara*, Barthes cita Kafta: “Minhas histórias são um tipo de fechar os olhos.” A esse respeito ele nota: “A fotografia tem de ser silenciosa. Isso não é uma questão de ‘discrição’, mas de música. A subjetividade absoluta só é alcançada em um estado de silêncio (fechar os olhos significa trazer a imagem à fala no silêncio.)”[...] **As imagens digitais de hoje em dia são sem silêncio e, por isso, sem música, sim, sem aroma.** Também o aroma é uma forma de conclusão. **As imagens inquietas não falam ou contam, mas sim fazem barulho. Frente a essas imagens “ameaçadoras”, não se pode fechar os olhos.** [...] As imagens, hoje, são construídas de tal modo que não é mais possível fechar os olhos. Ocorre um contato imediato entre elas e o olho, que não permite nenhuma distância contemplativa. A coação por uma vigilância e visibilidade permanente dificultam fechar os olhos. A transparência é a expressão da hipervigilância e da hipervisibilidade.” (HAN, 2021, p.15-16, *grifos nossos*)

6. Como a obra de Byung Chul-Han (em diálogo com outros interlocutores) pode nos ajudar a traçar um diagnóstico da contemporaneidade?
7. Quais são as faltas na obra de Byung Chul-Han que não conseguem tratar do coração do problema contemporâneo?

Calendário

Encontro 01 — 07/05, às 21h (Encontro de apresentação)

Assunto:

Minicurso: Comunicação, Cibercultura e Imagem: Mudança da arquitetura informativa e as perspectivas do digital em Byung Chul-Han.

Encontro de Apresentação e dinâmica do semestre;

Divisão dos educandos por seminário e respectivos temas;

Bibliografia:

DI FELICE, Massimo. **Do Público para as redes**. São Caetano do Sul. Ed.Difusão, 2008.

HAN, Byung Chul. **Infocracia: Digitalização e a crise da democracia**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2022.

_____. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2018.

_____. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2018.

KEEN, Andrew. **The internet is not the answer**. Atlantic Monthly Press. New York. 2015

_____. **O culto do amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

FELINTO, Erick. **Cibercultura: ascensão e declínio de uma palavra quase mágica**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.14, n.1, jan./abr. 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Fascinação e Miséria da Comunicação na Cibercultura**. Porto Alegre: Editora Sulina. 2012.

_____. **O rosto e a máquina:** O fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico (Nova Teoria da Comunicação – Volume I). São Paulo: Paulus, 2013.

Encontro 02 — 21/05, às 21h (Orientação)

Assunto:

Encontro de Orientação

Encontro 03 — 04/06, às 21h (Seminário)

Assunto:

Performance e cansaço na cibercultura

Bibliografia básica:

Textos dos pesquisadores

Bibliografia obrigatória:

Byung Chul-Han. Sociedade do cansaço. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2018.

Bibliografia complementar:

Nishiyama, A. F., & Takara, S. (2018). **Patologias do contemporâneo:** midiamorfose, tecnologias e os limites do sujeito. In M. R. da Silva [et al.]. (Org.). Mobilidade, Espacialidades e Alteridades. 1ed. EDUFBA, Salvador, pp. 1-15.

Encontro 04 — 18/07, às 21h (Orientação)

Assunto:

Encontro de Orientação

Encontro 05 — 02/07, às 21h (Seminário)

Assunto:

Imagem e Experiência estética expandida na cibercultura

Bibliografia básica:

Textos dos pesquisadores

Bibliografia obrigatória:

Han, Byung Chul-Han. **A salvação do belo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. *In*: SAMAIN, Etienne (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012, p. 21-36.

Bibliografia complementar:

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34. 2010.

_____. **Quando as imagens tocam o real**. Revista Pós: Belo Horizonte, v.2, n.4, p. 204-219, nov. 2012.

FONTCUBERTA, Joan. **La furia de las imágenes**: notas sobre la postfotografía. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2016.

_____. **La cámara de Pandora**: La fotografi@ después de la fotografía (Spanish Edition). Editorial Gustavo Gili S.L. 2012.

MAUAD, Ana Maria. **Como nascem as imagens?** Um estudo de história visual. História: Questões & Debates, Curitiba, Editora UFPR, v. 61, n. 2, p.105-132, jul/dez. 2014.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003. 357 p.

_____. **A estética das linguagens líquidas**. Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir. São Paulo, Educ, p. 35-53, 2008

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

Encontro 06 — 16/07, às 21h (Orientação)**Assunto:**

Encontro de Orientação

Encontro 07 — 06/08, às 21h (Seminário)

Assunto:

Políticas da Imagem: vigilância, transparência e resistência na dadosfera.

Bibliografia básica:

Textos dos pesquisadores

Bibliografia obrigatória:

Byung Chul-Han. **Sociedade da transparência**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2017.

_____. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2018.

Bibliografia complementar:

ANTOUN, Henrique. MALINI, Fábio. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

Encontro 08 — 20/08, às 21h (Orientação)

Assunto:

Encontro de Orientação

Encontro 09 — 03/09, às 21h (Seminário)

Assunto:

Ensinar na era da mobilidade: ética e educação na cibercultura.

Bibliografia básica:

Textos dos pesquisadores

Bibliografia complementar:

KUIPER, Roel. **Capital moral: o poder de conexão da sociedade**. Trad. Francis Pedra Janssen. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2019.

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação – como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

Encontro 10 — 10/09, às 21h (Envio de texto para o professor e início da dinâmica de crítica)

Encontro 11 — 17/09, às 21h (Entrega dos textos na pasta para intervenção crítica dos colegas)

Encontro 12 — 08/10, às 21h (Devolução dos textos)

REFERÊNCIAS:

BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

COELHO, Teixeira. **Com o cérebro na mão: no século que gosta de si mesmo**. 1 ed. São Paulo: Itaú Cultural: Iluminuras, 2015.

CRARY, Jonathan. **Capitalismo tardio e os fins do sono**. Trad. Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, o que nos olha**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34. 2010.

_____. **Quando as imagens tocam o real**. Revista Pós: Belo Horizonte, v.2, n.4, p. 204-219, nov. 2012.

FONTCUBERTA, Joan. **La furia de las imágenes: notas sobre la postfotografía**. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2016.

_____. **La cámara de Pandora: La fotografi@ después de la fotografía** (Spanish Edition). Editorial Gustavo Gili S.L. 2012.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2018.

_____. **Psicopolíticas – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Editora Áyiné. 1ª edição. 2018.

_____. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 2018.

_____. **Não-coisas: reviravoltas do mundo da vida**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 2022.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Aleph, 2015.

KEEN, Andrew. **Vertigem digital**: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. Trad. Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KUIPER, Roel. **Capital moral**: o poder de conexão da sociedade. Trad. Francis Pedra Janssen. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Fascinação e Miséria da Comunicação na Cibercultura**. Porto Alegre: Editora Sulina. 2012.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. S. Paulo, Cultrix. 1969.